

**A IMORTALIDADE COMO UM EMPREENDIMENTO
DIGITAL**
***A temporalidade mítica religiosa no tempo intersticial das redes
sociotécnicas***

Texto de Larissa Soares Carneiro

Relato por Alex Primo

É a primeira vez que leio um texto de Larissa Carneiro. Se, de fato, é a primeira impressão que fica, guardarei a imagem de alguém apaixonado por seu tema de pesquisa, que visa aprofundar-se na literatura relacionada, que vai atrás de antecedentes históricos em áreas afins e relaciona diferentes autores e perspectivas. A partir disso tudo, a reflexão conduzida pela autora no trabalho é competente e provocativa.

Devo dizer que o trabalho de Larissa também traz um objeto novo para este GT que, tendo em vista sua longevidade, já mostrou momentos com temáticas e abordagens em vias de esgotamento. Em vez de simplesmente eleger o site da moda deste ano ou visitar mais uma vez os grandes conceitos da cibercultura, Larissa volta-se para a análise de vídeos-testamento de mártires do grupo Hamas. Tal estudo sustenta-se principalmente nos seguintes eixos: religião e tecnologia, tempo e imortalidade, imagem e reprodutibilidade técnica. No decorrer do referencial teórico, as reflexões vão da psicanálise à história da arte, da filosofia à semiótica. Bem embasado, o texto não se configura como mera justaposição de autores de áreas diferentes. Trata-se de costura reflexiva bem trabalhada e provocativa.

É bem verdade que a relação entre religião e tecnologia já foi bem discutida neste GT por Erick Felinto e a problemática do tempo na cibercultura a todo momento é retomada, sendo recorrente no trabalho de Maria Cristina Ferraz. De toda forma, o trabalho que aqui relato aborda tais problemas a partir de renovada aproximação. Por outro lado, confesso que estranhei a falta de referências a autores como Felinto e Ferraz. Além de recuperar a história do GT, tais pesquisadores certamente poderiam colaborar com o trabalho conceitual desenvolvido no texto.

Larissa abre seu texto buscando recuperar raízes religiosas das atuais interações em redes digitais. Para essa historicização avalia a atualização do tempo místico no contexto da cibercultura. Antes que alguém estranhe, a pesquisadora lembra que as religiões sempre mostraram seu interesse pelo uso de dispositivos de comunicação para propagar a fé e cultuar o sagrado. Vale lembrar que o próprio termo “propaganda”, hoje ligado indissociavelmente a meios de comunicação, nasce justamente no seio da igreja, a partir do termo *propagare*.

Mas o trabalho que aqui relato não foi atrás do caminho mais fácil ou mais óbvio, analisando, por exemplo, o site ou o twitter do vaticano, nem os chamados “pastores eletrônicos”. O objetivo da pesquisa é investigar como os vídeos de mártires do Jihad, disponibilizados no site do Hamas, atualizam a percepção da imortalidade no contexto religioso.

É justamente a busca pela eternidade que provoca o interesse de Larissa. Tanto do ponto de vista da espiritualidade, quanto a partir de uma perspectiva comunicacional. Logo, quer estudar tanto a eternização de uma face ou um instante único através de imagens, quanto as concepções de vida eterna pelas religiões. Em seu breve passeio histórico, o texto salta do momento em que se testemunha o embalsamar de corpos e aterrissa em uma página do Hamas na Web. Tudo mudou desde então? Não apenas os suportes midiáticos, como também a concepção sobre a ascensão espiritual à vida eterna? Para Larissa, o processo do antigo Egito, que “Subordinava a sobrevivência da alma à perenidade do corpo”, transmuta-se hoje no registro digital, cujas imagens-réplica permitem a repetição *ad infinitum* dos acontecimentos.

Ao tratar da reprodutibilidade técnica de imagens, a autora cumpriu a cartilha e trouxe Benjamin para o debate. Mas, como pesquisadora da cibercultura, Larissa questiona se a discussão de “aura” por Benjamin não precisa ser atualizada para nosso tempo.

Apoiando-se em David Morgan, defende que a multiplicação de imagens religiosas não enfraquece o valor aurático.

É por meio de sua reprodução que elas permanecem em nosso imaginário, invadem nossas casas, nossas vidas, podem ser compartilhadas em ritos coletivos, vendidas à peregrinos, adoradas e contribuir para a organização sócio-cultural de sociedades diversificadas. É no momento que elas deixam

de ser únicas e originais que elas influenciam, relacionam, interagem, permanecem, legitimam-se, são apropriadas e se conectam com os seus usuários/observadores. (p. 3)

A provocação é realmente boa. Ao discutir-se aura e imagens, não estariam nas práticas religiosas justamente a prova da falha do argumento de Benjamin? Como sabemos, o autor tratou de estátuas divinas, lembrando-nos que eram muitas vezes escondidas, estando disponíveis apenas ao sumo sacerdote. Ou madonas que permaneciam cobertas durante todo o ano. Com esses exemplos, Benjamin buscava enfatizar o valor de culto e o contexto ritualístico em que se inserem as obras de arte. Mas será que Benjamin não havia percebido a reprodução das imagens de Cristo e de santos, por exemplo, já disponíveis em seu tempo? A partir disso, lanço meu primeiro questionamento. Ao discutir que a aura se atrofia na era da reprodutibilidade técnica, o Benjamin está focando-se em características de autenticidade e existência única da obra de arte. Logo, pergunto se seria justo com o autor julgar que santinhos de gesso tem sim a mesma aura, tendo em vista que Benjamin discutia a obra de arte e aqui se debate objetos religiosos, portanto, não propriamente artísticos.

Sim, Benjamin trata de culto e ritual, e chega a falar em uma “teologia da arte”. Contudo, o culto ao quadro da Monalisa não pode ser comparado ao tipo de culto que se presta a uma réplica da imagem de Nossa Senhora Aparecida. No primeiro exemplo verera-se a obra de arte, única em seu “aqui e agora”. Já a estátua da imagem negra não desperta culto ao objeto de plástico, mas sim à Santa ela mesma. Em outras palavras, não se está comparando uma proposta conceitual que tem a arte como objetivo primeiro com o contexto religioso estrito? Ainda que Benjamin tenha utilizado a religião como metáfora, pode-se questionar sua argumentação a partir de casos que fogem ao escopo da obra de arte?

Não tenho dúvida que demanda-se hoje uma atualização na discussão sobre aura no contexto da comunicação de massa contemporânea (vide o fenômeno das celebridades) e da cibercultura. Contudo, fico na dúvida se o argumento defendido por Larissa é o mais pertinente neste momento. Em suma, a percepção do eterno na imagem de um santo, por exemplo, é a mesma aura de que fala Benjamin? Não se está usando o termo em sentidos diferentes?

Minha segunda questão é sobre a disponibilização dos vídeos de mártires no site do Hamas. Larissa afirma que a página online mostra

homens mortos eternizados nos dispositivos multimidiáticos das redes digitais de comunicação. Ali, a lógica das mídias digitais articula-se com a lógica da religião no processo de construção de uma narrativa mítica cujo propósito é narrar os feitos dos heróis, fixar sua iconografia e torná-los, assim, imortais (p. 4-5).

Mais adiante, acrescenta que “À distância gestual e temporal de um clique é possível recuperar essas representações arquivadas e disponibilizadas em um banco de dados digital e trazê-los, assim, de volta à vida” (p.5). Já nas páginas 9 e 10 a autora trata da possibilidade de repetição infinita de tais vídeos. Tal circunstância romperia o tempo cronológico e objetivo, devendo ser analisado sob o signo do tempo intersticial, noção esta central para o trabalho. Não apenas a repetição pode se dar a qualquer momento, como em qualquer lugar. Tudo isto conferiria a condição de imortalidade aos autores dos vídeos-testamento. No site, diz Larissa, “aqueles jovens continuam vivos em um sítio virtual...” (p. 10). E, “É a morte ritualística, de inspiração política e religiosa, que provoca o renascimento do sujeito que sacrifica o seu corpo biológico para ser eterno em um corpo digital virtualizado” (p. 11).

Primeiramente quero confirmar com Larissa qual é a especificidade dos mártires do Hamas que condicionam suas conclusões a esse grupo? Se trocássemos aqueles fiéis suicidas por um evangélico, ou mesmo um ateu, em estado terminal que grava vídeos para seu futuro filho teríamos resultados diferentes? Não poderíamos dizer que ele permanece “vivo” nos vídeos digitais, que podem ser vistos infinitas vezes? Ou seja, para esta imortalidade midiática, experimentada em um tempo intersticial, faz diferença se o autor do vídeo é um militante do Hamas ou não?

Como o trabalho articula religião e tecnologia, as próprias concepções de vida, morte e eternidade podem ter interpretações diferentes dependendo da perspectiva utilizada para a observação. Em um registro estritamente religioso, a reprodução dos vídeos-testamento não é prova da imortalidade. Para um olhar que usa filtros teóricos da cibercultura, enquanto ciência, morrer em uma guerra santa não garante que a vida eterna seja possível. Logo, estão em jogo pelo menos duas visões de mundo cujos vocabulários por vezes confundem-se no trabalho.

Além disso, é preciso lembrar que o islamismo é contra qualquer forma de idolatria. Tanto é que, apesar de polêmico, a representação artística figurativista de

animais (incluindo os homens) é desestimulada em culturas árabes. Se isso é ainda verdade, como os vídeos são assistidos? Servem eles apenas como peça persuasiva para motivar novas imolações ou funcionam como peças de culto? Se o último caso é verdadeiro, podemos recuperar a questão aurática. Por outro lado, os preceitos islâmicos seriam desafiados. Pergunto isso com a insegurança de quem conhece pouco do Islão, mas na curiosidade de saber mais. É nesse sentido que questiono como o objeto de pesquisa condiciona os resultados encontrados. Ou as conclusões sobre imortalidade digital valem para qualquer contexto, tendo a religião participado apenas como coadjuvante no trabalho?

Diante do belo texto que Larissa nos apresenta neste ano (e torço para que continue conosco nos próximos eventos), estas são as questões que trago com a única intenção de dar início ao debate. Como não sou um pesquisador das senhas religiosas no contexto da cibercultura, minhas dúvidas são próprias de alguém que observa o tema a distância, mas, com certeza, com grande interesse. Nesse sentido, ficarei muito grato pelos esclarecimentos de Larissa.